

REFLEXOS DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO: DIVERSIFICAÇÃO DO MOSAICO DA CIDADE

DAL GALLO, Priscila Marchiori

Resumo

As cidades são habitadas por diversos grupos sociais que possuem suas próprias práticas culturais e ao se territorializarem dão origem a diferentes microcosmos ou pequenos mundos que em conjunto formam o mosaico da cidade, o qual vem apresentando em função do aumento da mobilidade espacial grande dinamismo em sua estruturação por ganhar frequentemente novas peças com a chegada e estabelecimento de novos grupos migrantes nas cidades. A presença dos migrantes tem contribuído para a heterogeneidade cultural das cidades receptoras, assim como, tem sido um grande estímulo ao surgimento de novos microterritórios por meio da apropriação do espaço associada às transformações espaciais resultantes da diferenciação ou personificação espacial promovida de acordo com os aspectos/padrões socioculturais e socioespaciais do migrante. Um dos estímulos a territorialização é a ligação entre a identidade e territorialidade e sua relação com a segurança existencial do indivíduo, a identidade precisa de uma dimensão espacial para se criar, sustentar e perdurar. Nesse sentido, pode ser apontado como o principal suporte a identidade a confluência de lugares que dão corpo ao território, mais especificamente, a confluência dos lugares do migrante que possuem suas próprias dinâmicas e referenciais identitários servindo como um mecanismo protetor da segurança existencial por oferecer as bases para o indivíduo/grupo manter a sua maneira de ser. Deve-se dizer, no entanto, que a territorialização dos migrantes não se trata de uma reprodução exata dos seus territórios em sua terra natal. O migrante se depara no local de destino com uma organização espacial e estruturas condizentes com as práticas culturais locais, tendo esse que incorporar em seu território elementos locais que apesar de poderem ser personalizados em essência continuam a ser elemento gerado por uma cultura alheia, isso remete à noção de uma hibridização. Os microterritórios migrantes marcados pela hibridização se tornam traços da presença dos migrantes nas cidades receptoras e reforçam sua multiplicidade territorial. Nessas condições, os migrantes podem ser considerados como importantes agentes na construção da cidade fato que torna a compreensão da mobilidade espacial e do movimento migratório fundamental para o entendimento da evolução dessas cidades. A atuação dos grupos migrantes, especialmente nas cidades modernas, faz parte de sua própria constituição, não podendo ficar de fora da reflexão sobre a construção espacial das cidades.

Palavras-chave: mobilidade espacial, identidade territorial, microterritórios

As cidades contemporâneas, em especial as médias e grandes cidades, têm como uma de suas marcas o pluralismo cultural expresso pela diversidade de grupos sociais. Cada grupo reserva suas próprias características culturais que se constituem em conformidade com seus lugares habitados, os quais possuem sua própria fisionomia e configuração espacial trazendo em sua paisagem símbolos que os personalizam e qualificam como pertencentes ao território de um dado grupo social. Os lugares assumem características singulares no decorrer do processo de apropriação e personificação do espaço que envolve a ocupação e vivência dos lugares. Nesse processo os lugares ganham marcas identitárias que irão refletir, reafirmar e fortalecer a identidade e forma de existir da coletividade que o habita. Esses lugares ao mesmo tempo em que desenvolvem seu próprio sistema do lugar (GODOI, 1998) representado pelas suas práticas culturais e rotinas cotidianas eles se tornam um receptáculo e referencial identitário e cultural para o grupo. As condições de existência da coletividade dependem da formulação de um receptáculo cuja ambiência propicie a

permanência de sua maneira de ser e esse receptáculo só pode perdurar e manter suas singularidades se houver uma coletividade que o esteja sustentando visto que a existência desse receptáculo e da coletividade que o habita é indissociável.

Cada grupo social interage e se envolve de uma maneira particular com o espaço concebendo a partir de sua visão de mundo seus lugares, que são dotados de uma organização própria de suas geoestruturas e uma morfologia da paisagem singular. A maneira como um dado grupo estabelece e exerce suas atividades diárias e vivência cotidianamente seus lugares estrutura seu território de forma única. Ao longo desse processo de estruturação o território vai ganhando corpo com o desenvolvimento de uma rede de lugares hierarquizados e itinerários que seguem os padrões socioculturais e socioespaciais do grupo (BONNAMEISON, 2002). Essa contínua e constante interação grupo-território ele desenvolve sua própria territorialidade e vai se consolidando/firmando como uma coletividade.

As estruturas internas do território fundamentam a identidade territorial do grupo e dão origem a diferentes microcosmos ou pequenos mundos em que se compartilham lugares, paisagens, signos e símbolos. Nos microcosmos tem-se uma existência espacial coletiva, o grupo pensa, organiza e vive seu território de maneira semelhante por partilharem uma mesma cultura e um determinado estilo/modo de vida. Isso faz com que esse demonstre confluência e conformidade em suas ações participando de maneira semelhante da dinâmica territorial promovendo dessa maneira de forma coletiva a diferenciação espacial.

A diferenciação espacial atribui composições específicas aos territórios e possibilita a identificação dos grupos permitindo a cada um ter consciência de sua própria identidade ou de sua forma de existência em comparação às outras coletividades, tornando-se claro as delimitações de seu território. São nas redes de lugares que compõem o território nas quais podem ser encontrados seus semelhantes. Nelas os indivíduos são capazes de se reconhecerem como um grupo e neles estão os alicerces ou fontes da identidade compartilhados por esse mesmo grupo.

As delimitações territoriais estipulam a abrangência do espaço de ação das coletividades ou os lugares com os quais ela tem familiaridade e acessibilidade. Nesses lugares são encontrados os “elementos mais imediatos e cotidianos da vida diária” (PAULA, MARANDOLA, HOGAN, 2007, p.42) do indivíduo e do grupo social. Eles formam o universo onde ocorre a convivência social e as atividades diárias, se desenvolvem as práticas culturais e sociais e se encontram os referenciais socioespaciais. Em seus territórios os habitantes criam seu próprio mundo de coisas e conduzem hábitos sociais singulares. Isso define muito bem aquilo e aqueles que são internos ao território e os que são externos a ele. Uma simples tentativa de leitura do espaço e interação social transmite rapidamente a sensação de ser ou não um de fora, que não pertence àquele lugar (*outsider*). A compreensão do conteúdo estético e cultural do território só é possível tomando-se por base as referências culturais que deram origem a esse território é capaz de selecionar o externo e o interno.

Identificar-se com o território de uma coletividade implica tornar-se parte de determinados círculos sociais e redes de lugares e itinerários e partilhar um sentimento coletivo em relação a signos, códigos e práticas culturais. Isso possibilita adentrar no sistema do lugar ao compreender a organização socioespacial e o funcionamento das redes de lugares. A identificação territorial leva os indivíduos a desenvolverem forte apego aos lugares vendo-se como parte integrante e atuante desse por participar da criação de suas geoestruturas e empregar em sua paisagem uma complexa semiografia capaz de exprimir e representar sua concepção de mundo, isto é, empregar os geossímbolos neles presentes (BONNEMAISON, 2002). Os círculos sociais e redes de

lugares de um território abrem-se e agregam aqueles de mesma identidade e se fecham para os diferentes, não no sentido de exclusão e intolerância a diferença com o estabelecimento de barreiras impermeáveis e rígidas, mas em termos de receptividade e proximidade, não é negado a participação do “outro” nesses círculos e redes, porém sua assimilação tende a ser apenas efêmera e superficial. Ao diferente surgem limites invisíveis que delimitam os círculos e redes com que se tem familiaridade e acessibilidade ou “impõe os limites de pertencimento” (MOURA, 2003, p.50).

Os limites territoriais se mostram para uma coletividade com o enfraquecimento ou o fim da sensação de pertencimento em relação a um território. O estranhamento com relação a uma estrutura interna leva ao distanciamento entre o grupo e o território, com o rompimento do sentimento de pertencimento e dos laços de afetividade. Sem o sentimento de pertencimento o território perde seu sentido ontológico para aquele grupo, desligando-o dos círculos sociais e redes de lugares que o formam.

Os círculos sociais e as redes de lugares se reúnem e compõem um território em função das significações dadas a determinados espaços. Essas significações norteiam a preferência espacial de uma coletividade promovendo a formação de agregados socioespaciais ou espaço de convivência onde uma coletividade que guarda semelhanças em seus atributos socioculturais ou socioeconômicos se agrega e se encontra (COSTA, 2005) que refletem e alimentam a identidade da coletividade possibilitando a permanência do agrupamento e suas relações com seu território.

A presença de diversos grupos sociais na cidade atribuindo diferentes significados ao espaço dá origem a uma multiplicidade de territórios os quais em conjunto formam a totalidade da cidade; eles se articulam dando corpo ao território da cidade, formulando sua identidade. Nesse sentido os territórios dos grupos sociais são microterritórios, que poderiam ser entendidos como resultado de uma singularização, através de uma territorialização micro, de uma limitada porção do espaço na qual um grupo relacional exerce suas práticas sociais e afirma seus aspectos e atributos identitário atendendo suas necessidades relacionais e preservando sua identidade (COSTA, 2005).

A existência dos microterritórios tem forte efeito sobre a dimensão espacial da cidade uma vez que a fragmenta em espacialidades específicas gerando um rico e complexo mosaico de microcosmos. A forma desse mosaico não é definitiva ou estática; ela acompanha a transitoriedade da organização socioespacial das cidades em razão das constantes transformações engendradas pelos grupos sociais. Os processos de construção e reconstrução das espacialidades, territorialidades e lugares nunca cessam tornando a configuração do mosaico das cidades mutável e sujeito à constante metamorfose com a agregação de novas peças e o contínuo rearranjo dos limites de pertencimento pela atribuição de novas significações aos lugares.

Os agentes atuantes no processo de microterritorialização e na formação do mosaico em muitas cidades têm se diversificado bastante em função da chegada de novos grupos sociais em razão da intensificação da mobilidade espacial. Com ela surge um fluxo de migração que impulsiona o deslocamento de grupos migrantes para diferentes cidades e lugares do mundo. Sua presença tem contribuído para a heterogeneidade cultural das cidades sendo um grande estímulo ao surgimento/criação de agregados socioespaciais. Nesse sentido, o processo migratório tem contribuído para complexificar a estruturação do mosaico das cidades, na medida em que com o recebimento e estabelecimento dos migrantes são imputados novos microcosmos a cidade havendo a agregação de novas e diversas peças a ele.

Os migrantes constroem novos territórios no local de destino, por meio da apropriação do espaço atribuindo-lhe suas próprias significações ao vivenciá-lo,

organizá-lo e pensá-lo, sendo as ações do grupo conduzidas pelas referências contidas em sua própria bagagem cultural. Nesse sentido, a criação dos microterritórios pelos migrantes está associada às transformações espaciais promotoras da diferenciação ou personificação conforme os aspectos/padrões socioculturais e socioespaciais próprios do grupo migrante. Em seus territórios os migrantes encarnam sua cultura criando seus lugares, suas paisagens e desenvolvem suas relações sociais, havendo entre eles uma identificação e sentimento de pertença pelo encontro com o igual/semelhante.

As alterações espaciais que os migrantes promovem no local de destino têm como motivação a forte necessidade de (re)elaborar seu espaço social e (re)construir sua rede de lugares. Os migrantes ao se deslocarem para os locais de destinos desligam-se de seus lugares e território sendo desenraizados e desterritorializados perdendo seus referências identitárias. Isso tem amplo impacto na segurança existencial dos indivíduos, pois esta está fortemente associada à identidade e à forma de ser/existir as quais estão amplamente associadas à identidade territorial que depende de uma dimensão espacial para se criar, sustentar e perdurar (MARANDOLA JR., 2008).

Os migrantes (re)criam no local de destino o seu território perdido. Para fazê-lo esses reproduzem os geossímbolos e a organização socioespacial de seu antigo território procurando com isso restabelecer a identificação territorial instigando o sentimento de pertencimento reconstituindo os elos de ligação grupo-território. Ao restabelecer esses elos o grupo migrante é capaz de se enraizar e dar fundamento à sua identidade. Recriar seu território é uma forma de dar suporte e manutenção à identidade e à sua forma de existir/ser pela presença de referências identitárias. Nesse sentido, territorializar-se serve como um mecanismo protetor da segurança existencial (MARANDOLA JR. 2008).

Pensando o território como um conjunto de lugares hierarquizados conectados a uma rede de itinerários (BONNEMAISON, 2002) pode-se pensar o lugar como o principal ponto de apoio/suporte da identidade. É fundamentalmente através deles que o grupo expressa sua forma de vivenciar e existir no território, assim como, sua visão de mundo. Os lugares são vivenciados de forma imediata cotidianamente, sendo eles recipiente e receptores das práticas culturais e rotinas cotidianas numa interação diária e contínua entre indivíduos e seus lugares. Essa interação estabelece um relacionamento que leva a uma construção mútua e simultânea do indivíduo e do lugar (CASEY, 2001). Os indivíduos personalizam os lugares em todos seus aspectos e os lugares nutrem, ancoram e fortalecem a existência e forma de ser desses indivíduos, tornando a existência de ambos recíproca e indissociável.

Por sua fisionomia, dinâmica e ambiência o lugar representa um ponto de familiaridade e receptividade para o migrante, onde se encarna sua cultura e se apresentam seus símbolos, signos e códigos. O lugar é por si só um referencial identitário sendo a manifestação espacial dos laços de afetividade que ligam o grupo a seu território e fundam a identidade cultural (BONNEMAISON, 2002) e territorial.

Sendo assim, não é por acaso que o território dos migrantes abarca as redes sociais, uma confluência de lugares do grupo migrante. Os migrantes procuram através da construção de seus lugares atribuir uma organização e estruturação espacial própria condizente com sua cultura ao local de destino, para isso aplicam sua “carga” sociocultural sobre seus lugares. A busca por criar um ambiente familiar com que o migrante se identifique está relacionada à necessidade de fixação que ele sente. Causa desconforto e mal-estar a sensação de estar solto ou avulso. Os lugares e território representam uma parte da existência do indivíduo e é vivendo seus lugares que ele constrói sua existência, sua maneira de ser e garante a continuidade desse ser (CASEY, 2001).

O local de destino não é capaz de proporcionar originalmente essa fixação, pois se trata de uma realidade cujos aspectos socioculturais e de organização espacial diferem daqueles com a qual o migrante teve contato. A proximidade e apego aos lugares só é possível quando existe uma identificação entre o indivíduo e esses lugares, mas uma relação entre eles só se estabelece com a reciprocidade e mutualidade. O choque identitário entre migrante e local de destino vem em oposição a isso; não há uma receptividade do indivíduo em relação ao local de destino e vice-versa.

Esse choque resulta do estranhamento para com os territórios alheios ou estrangeiros, visto que esses são a expressão de uma determinada maneira de viver conceber e se relacionar com o mundo que se fundam na cultura (BONNEMAISON, 2002). Para adentrar nas relações grupo-território e manter a convivialidade com seus lugares é necessária uma aproximação com a cultura que deu origem a tal território.

Entendido que cada grupo dá origem a seu próprio território em conformidade com suas características culturais deve-se dizer que os microterritórios dos migrantes não se tratam de uma reprodução exata daqueles ocupados por eles no local de origem. O migrante não encontra no local de destino um espaço neutro, sem modificações. Pelo contrário, ele se depara com uma organização espacial e geoestruturas condizentes com as práticas culturais locais. Os migrantes, então, adotam e incorporam em grande medida elementos locais que apesar de poderem ser personalizados em essência continuam a serem elementos gerados por uma cultura alheia.

Alguns elementos são incorporados ao território do migrante mesmo sem serem recontextualizados. Dentre esses elementos presentes em seu território, o migrante é capaz de alterar e personalizar aqueles com que tem contato mais imediato e que são passíveis de serem apropriados. No entanto, existem aqueles sobre os quais o migrante não tem capacidade de exercer influência permanecendo integralmente com as características dadas pela cultura local. Há uma troca constante entre a bagagem cultural e as referências espaciais do local de origem, que o migrante carrega, com a sociabilidade e o ambiente que encontra no novo local. O processo de reterritorialização é age nestas duas frentes, conformando uma nova forma de ser e estar com elementos novos e antigos, constituindo uma nova territorialidade.

A incorporação de elementos locais e a adoção de novos referenciais culturais construção territorial remete à noção de uma hibridização nos territórios migrantes. Nesses a confluência de duas culturas de origens históricas e geográficas diferentes, promove a atribuição de novos significados aos lugares, cria novos símbolos e se manifestam novas territorialidades. O surgimento desses territórios nas cidades receptoras promove mudanças em sua identidade (CORRÊA, 2006), pois com novas peças integrando seu mosaico têm-se novos elementos a serem considerados e agregados a sua imagem.

As cidades receptoras de migrantes, então, apresentam traços da presença dos migrantes. Essas cidades apresentam em seus mosaicos peças heterogenéticas produzidas a partir de uma *creole culture* (HANNERZ apud CORRÊA, 2006), a territorialização dos migrantes marca a cidade receptora com territorialidades que expressam a hibridização cultural, manifesta pelo cosmopolitismo característico das cidades, em especial as médias e grandes.

As marcas de hibridização podem ser reconhecidas como uma “resistência” à fusão total entre culturas. Os territórios híbridos são sinônimos do aceite da cultura local, mas sem a sua incorporação integral, eles expressam o desejo do migrante de manter sua identidade hifenizada. Esse desejo decorre da necessidade de preservar a seus referenciais identitários originais visto que perdê-los é o mesmo que perder a sua maneira de ser ou uma parte de si mesmo. A assimilação cultural ocorre, portanto,

parcialmente de maneira que não seja hostil à identidade do migrante, sendo a fusão cultural completa inaceitável. Por mais camadas que recubram sua identidade o indivíduo não pode negar, esquecer ou ignorar sua identidade “inicial” e os lugares que lhe deram vida, pois eles expressão o que ela é em essência. Ao imputar nas cidades receptoras elementos emblemáticos de sua cultura o migrante busca exprimir e afirmar sua identidade pré-migratória (LESSER, 2001) e recriar na cidade lugares que constituíram seu ser.

Os territórios híbridos são ainda uma indicação de que a influência cultural não ocorre em apenas um sentido. O grupo migrante ao mesmo tempo em que recebe influências culturais também as exerce e nesse processo adentra a cultura local apresentando novos elementos a serem considerados como integrantes dessa. Com a recepção de grupos de migrantes constituídos por sujeitos oriundos de diversos países e, portanto, portadores de diversas culturas a cultura local passa a ganhar novos elementos ganhando complexidade.

A presença de migrantes na cidade, portanto, contribui para seu pluralismo cultural e amplia a multiplicidade territorial e sua diversidade de microcosmos. O estabelecimento desses representa a chegada e permanência de um novo grupo sociocultural que irá criar sua própria espacialidade com sua própria configuração, dinâmica e estrutura interna. A territorialização dos migrantes se reflete na microterritorialização das cidades receptoras trazendo riqueza e complexidade ao mosaico das cidades.

Com a ampliação da mobilidade espacial promotora do movimento migratório muitas cidades têm recebido grandes volumes de migrantes com as mais diversas origens indicando um acentuação nos fluxos migratórios a qual faz com que novos agentes aportem nas cidades e participem de sua produção promovendo diversas alterações espaciais, com espantosa velocidade, em seu processo de reterritorialização e enraizamento. O entendimento das motivações que levam esses migrantes a realizarem tais mudanças e como elas afetam as estruturas e dinâmica na cidade, assim como, sua identidade torna-se essencial para a compreensão do processo de construção da cidade.

Para o entendimento da formação e configuração dos territórios e espacialidades do grupo migrante na cidade receptora é indispensável pensar simultaneamente tanto nos elementos que compõe o cenário local, anteriormente presentes à chegada dos migrantes, quanto os novos elementos implantados e modificados pelos migrantes com a transformação espacial que esses realizaram (CORRÊA, 2006). Entender a composição desses novos territórios requer a consideração dos elementos internos e externos a cidade e a interação existente entre eles.

É fundamental, portanto, considerar que os migrantes são sujeitos amplamente atuantes na construção da cidade não sendo mais possível se restringir aos grupos e fatores internos a ela para entender sua evolução. Os migrantes participam, bem como, os habitantes nativos da incessante reconstrução e reelaboração socioespacial das cidades. Sua atuação, especialmente nas cidades modernas, faz parte de sua própria constituição, não podendo ficar de fora da reflexão sobre a construção espacial das cidades.

A constituição dessas cidades deve ser compreendida dentro do contexto do movimento migratório por elas serem elementos essenciais desse. As cidades receptoras têm um papel fundamental na dinâmica migratória como nós da rede pela qual se conduzem os fluxos migratórios. Elas comportam os microterritórios dos migrantes que lhes servem de porto seguro. São esses microterritórios nas cidades receptoras que dão maior materialidade ao fluxo migratório e maior segurança aos migrantes por oferecem todo o suporte necessário para a sua acomodação e estadia. Além disso, esses

microterritórios são referências dentro das rotas migratórias como pontos onde o migrante “touch the ground” e cria um nó referencial “filled with symbolic meanings, allowing the social, territorial and cultural reproduction of identity” (SINATTI, 2006 p.33). Essas cidades não são simples pontos de passagem de uma rota migratória, elas funcionam como uma extensão do território dos migrantes.

Referências

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p.83-131.

CASEY, Edward. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v.91, n.4, p.683-693, 2001.

CORRÊA, Roberto L. O urbano e a Cultura: Alguns Estudos. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Cultura, Espaço e o Urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006. p.141-165.

COSTA, Benhur P. da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p.79-113.

DE PAULA, Fernanda C.; MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel J. O bairro, lugar na metrópole: riscos e vulnerabilidades no São Bernardo, Campinas. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, PUCMG, v.17, n.28, p.31-58, 2007.

GODOI, Emilia P. de. O sistema do lugar: historia, território e memória no sertão. In: NIEMEYER, Ana M. de e GODOI, Emilia P. de (orgs.). **Além dos territórios: para um diálogo entre etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998. p.97-131.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MARANDOLA Jr., Eduardo. **Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MOURA, Cristina P. de. Vivendo entre muros: o sonho da aldeia. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.) **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.43-54.

SINATTI, Giulia. Diasporic Cosmopolitanism and Conservative Translocalism: Narratives of Nation Among Senegalese Migrants in Italy. **Studies in Ethnicity and Nationalism**, v. 6, n.3, p.30-50, 2006.